

Aula 7

REFLEXÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO SOCIAL

META

Apresentar as principais diferenças individuais relativas a emoções e empatia explorando as relações familiares e suas conseqüências para o desenvolvimento da criança.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

- avaliar a importância de se conhecer os sentimentos nas relações sociais;
- avaliar como se dá o desenvolvimento das amizades;
- entender a importância das relações familiares para o desenvolvimento humano;
- explicar as dimensões das relações familiares.

André Luiz Viana Nunes

INTRODUÇÃO

Olá caro aluno, na aula passada começamos a estudar as interações do bebê com seus familiares, a construção do apego e o surgimento da afetividade. A aula de hoje se apresenta como uma continuidade da última. Veremos aqui temas como emoção e empatia, além de tentarmos entender como percebemos os sentimentos dos outros.

Será que você gostaria de ter o poder de saber o que o outro está sentindo? Se fosse possível o que você faria com esta informação? Pois bem, hoje você vai aprender a ler os sentimentos dos outros e saber tudo que se passa na cabeça das outras pessoas. Gostou?

Se você está empolgado com isto devo dizer que é impossível de se fazer. Não dá para saber exatamente o que o outro sente sem que este nos diga, e ainda assim, não significa que vamos entender. Será que você sabe tudo sobre o que você sente? Acredito que não. Sendo assim, como querer saber sobre o outro? Podemos entender muitas coisas, mas saber tudo é querer demais. Esta é a primeira lição da aula de hoje.

Em um segundo momento da aula de hoje trataremos de como a família interfere no desenvolvimento de uma pessoa. A importância deste tema está no fato de que é na família que completamos uma parte do nosso desenvolvimento e nos preparamos para lidar com o mundo lá fora.

Em outras oportunidades já tratamos deste assunto de uma forma indireta ou superficial, agora entenderemos mais diretamente a função da família no desenvolvimento humano. De certa forma, por experiência própria, todos nós fazemos idéia desta influência. Quando falamos de desenvolvimento e família não estamos falando unicamente do desenvolvimento da criança, nem das consequências da relação mãe-filho ou pai-filho, estamos falando da relação da criança com todos os membros familiares e destes entre si, além do contexto em que vivem.

Você entenderá aqui o conceito de Matriz de Identidade, que também é explorado em Introdução à Psicologia da Aprendizagem, e compreenderá como se dá a influência desta no desenvolvimento humano. Boa aula!

REFLEXÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Olá caro aluno, como você já sabe, não temos como adivinhar os pensamentos das pessoas que nos cercam, mas isto não impede que tentemos. Quem nunca passou pela situação de queres saber o que o amigo, ou amiga está pensando? Você já deve ter dito para alguém: fulana é tão tímida, mas nas festas é ela quem anima. Ou ainda: todos pensam que sou seguro e desinibido, mas na verdade me sinto inseguro e envergonhado. Ou também: será que tenho as características que fulano (a) gosta?

Estamos falando aqui de uma condição que todos nós temos de refletir sobre as idéias que nós e os outros temos das coisas, sobre o que fazem ou o que deveriam fazer, ou ainda sobre o que sentem. Estamos falando do que os psicólogos denominaram de cognição social (BEE, 2003). Esta cognição move nossas ações diante das relações, ela existe na construção do apego e do auto-esquema. Mas engana-se que acredita que o desenvolvimento da cognição social tenha como única função o bom desenvolvimento das interações sociais.

E quais são abrangências da cognição social, afinal de contas? Vamos lá caro aluno que este assunto é simples, mas de grande importância. Seguiremos o raciocínio da citada autora.

Lembra que já vimos nas primeiras aulas que, entre as características que se desenvolvem no bebê, primeiro vem as mais simples como olhar o contorno dos objetos, olhar o movimento dos objetos, acreditar que o seu ponto de vista é universal, para depois surgirem os mais complexos, tais como, buscar as causas dos movimentos, aprender regras, reconhecer o ponto de vista do outro. Podemos dizer que neste processo já encontramos a construção da cognição social.

Ela é responsável por diferenciarmos objetos de pessoas. Aprendemos com a cognição social que os objetos não reagem, não revidam, não manifestam carinho, já as pessoas sim. As pessoas se manifestam de diversas formas e, naturalmente, escondem boa parte do que pensam ou sentem. Todos nos fazemos isto, uns mais outros menos. É esta cognição que nos permitirá aprender a “ler” as intenções das pessoas, a reconhecer tons de voz e os seus diversos significados, a entender o que se quer dizer com as várias expressões faciais que alguém possa emitir. É esta cognição que nos permite reconhecer os locais em que estamos e os melhores comportamentos para uma dada situação. Ela nos permite “ler” o ambiente enquanto alunos, enquanto filhos, enquanto amigo, etc.

Por possuir todos estes aspectos, que vão surgindo e se modificando de acordo com o nosso crescimento e aprendizado, não podemos dizer que a cognição social serve somente para garantir bons relacionamentos.



Olhando o mar.

(Fonte: <http://spf.fotologs.net>).

OBSERVANDO OS SENTIMENTOS

Antes de pararmos para observar os sentimentos dos outros temos que aprender a nos relacionar com os nossos. Já sabemos que ainda pequeno aprendemos a reconhecer e a expressar a vergonha e a alegria, a comportamentos relacionados ao êxito e ao desapontamento.

Cole e Cole (2004) nos mostram que o bebê se utiliza de alguns artifícios para modular suas emoções. Eles se acalmam chupando o dedo ou a

chupeta, ou dormindo com seu bichinho de pelúcia. Quando cresce ela vai adaptando suas estratégias para manter o controle das emoções. Você já pode ter visto alguns exemplos do que estamos falando aqui. Vou citar alguns.

FECHAR OS OLHOS: as crianças fecham os olhos diante de estímulos que possam perturbar suas emoções como uma cena assustadora de um filme.

TAPAR OS OUVIDOS: já vi uma criança tapando os ouvidos com as mãos para não escutar os gritos dos pais que discutiam dentro do carro.

DAR NOVO SIGNIFICADO: a criança muitas vezes utiliza suas habilidades cognitivas iniciais e a sua linguagem para dar novo significado a uma situação inconveniente. Como assim? Imagine que um garoto impede uma garota de brincar com ele. Ela, por sua vez, expressa a seguinte frase, - não queria mesmos brincar com ele porque ele é mal.

Neste exemplo ela dá um novo significado para aceitar melhor a situação. Pode ainda se utilizar deste recurso para se sentir mais tranqüila. Exemplo: - mamãe disse volta logo. Aqui, a criança que está com outro cuidador fica esperando a mãe, pois acredita que esta retornará em breve, o que limita sua preocupação de ficar só.

Estes são alguns exemplos que Cole e Cole (2004) nos trazem. Estamos aí demonstrando o que sentimos, e observando a reação dos demais diante do que sentimos. Vamos aprendendo assim a interagir e relacionar os nossos sentimentos com o das outras pessoas.

Para isto o meio social é um grande professor. Aprendemos com a reação das pessoas que devemos falar em algumas ocasiões e calar em outras. Cole e Cole (2004) dão um exemplo que provavelmente já foi vivenciado por inúmeras pessoas, é o caso do presente que desagradou.

Você já recebeu um presente que não gostou e ficou com vontade de expressar, ou não soube como disfarçar aquela cara de desânimo? Pois é, os bons modos dizem que devemos agradecer e demonstrar felicidade. É claro que estamos falando do que se espera socialmente, o que não quer dizer que é assim que você vai reagir. Se você reage mal ao presente será criticado, e isto você não quer. É desta forma que o meio social nos dá a dica de como devemos reagir diante dos sentimentos dos outros.

Para comportar-se adequadamente nas muitas situações sociais novas que encontram na primeira infância, as crianças precisam expandir o seu conhecimento sobre as emoções dos outros. Lembre-se de que, quando têm seis ou sete meses de idade, os bebês conseguem “ler” os rostos de suas mães como um guia para como eles devem sentir-se com relação a uma situação. Quando têm dois anos de idade, sabem que as outras pessoas se sentem mal quando você bate nelas e que lhes dar algo bom faz com que se sintam bem (COLE; COLE, 2004, p. 431).

Vimos aí o comentário dos autores a respeito do que estamos falando. Vejamos o que nos diz Bee (2003, p. 385).

Tanto habilidade cognitiva como informações sociais são obviamente envolvidas neste processo. Você precisa ser capaz de identificar vários sinais corporais, incluindo expressões faciais; precisa compreender vários tipos de emoções e saber que é possível as pessoas sentirem várias emoções ao mesmo tempo; precisa compreender o contexto social e precisa de uma teoria da mente que ajude a unir o contexto com os prováveis sentimentos de outra pessoa. Neste caso, você precisa do entendimento básico de que a outra pessoa ficará feliz ou triste dependendo do seu desempenho na tarefa. (BEE, 2003, p. 385).

Podemos ver que os autores concordam em suas opiniões. Outra questão importante que devemos observar é que as pessoas reagem de forma diferente diante das emoções o que provoca alguns destaques positivos e outros negativos. Vamos entender?

Bee (2003) nos mostra que nem todas as crianças apresentam as mesmas condições de na leitura das emoções ou no entendimento das intenções que são apresentadas pelos demais. Estas características e condições formam a base para o desenvolvimento das competências sociais de cada um. Baseados nisso alguns pesquisadores estudaram como tais características interferem no desenvolvimento das pessoas. A autora cita trabalhos de Kenneth Dodge e Carol Izard que concluíram o seguinte: crianças que detectam melhor as emoções e intenções dos outros são mais populares enquanto que as que desenvolvem pouco esta habilidade são mais rejeitadas.

Dodge, K. A., & Feldman, E. (1990). Issues in social cognition and sociométrica status. In S. R. Asher & J. D. Coie (Eds.), *Peer rejection in childhood* (pp. 119-155). Cambridge, England: Cambridge University Press.

Izard, C. E., Schultz, D., & Ackerman, B. P. (1997, April). *Emotion Knowledge, social competence, and behavior problems in disadvantaged children*. Paper presented at the biennial meetings of the Society for research in Child Development, Washington, DC.

É preciso deixar bem claro que o objetivo aqui não é produzir crianças populares, as pesquisas apontaram para um movimento que se observa no ambiente em que as crianças convivem. Ou seja, se falarmos de escola devemos estar atentos à forma como as crianças desenvolvem suas capacidades de expressão e entendimento das emoções. O que queremos é que se tome cuidado com possíveis rejeições e isolamentos.

A citada autora nos mostra que Dodge observou que crianças negligenciadas e rejeitadas, diante de comportamentos de outras pessoas, muitas vezes, se sentiam assim porque entendiam mal tais atitudes considerando-as como hostis mesmo quando não eram, gerando assim, maior número de problemas relacionais. Mostra também que os trabalhos de Carol Izard concluíram que as crianças que apresentavam melhor conhecimento das emoções no pré-escolar apresentaram também melhor comportamento e melhor competência social na 1ª série. Estas conclusões são confirmadas por Goleman (1995) que diz que as aptidões emocionais podem ser ensinadas e aperfeiçoadas nas crianças se os responsáveis assim o fizerem. A escola também pode ajudar desenvolvendo métodos que incentivem a troca emocional.



Criança envergonhada.
(Fonte: <http://verdadeabsoluta.net>).

“As pessoas com prática emocional bem desenvolvida têm mais probabilidade de sentirem-se satisfeitas e serem eficientes em suas vidas, dominando os hábitos mentais que fomentam sua produtividade; as que não conseguem exercer algum controle sobre a vida emocional travam batalhas internas que sabotam sua capacidade de se concentrar no trabalho e pensar com clareza” (GOLEMAN, 1995 p. 48).



Até o presente momento os autores e pesquisadores nos mostram a importância de saber lidar com as emoções. Eles afirmam que quanto maior esta condição, maiores as chances de se desenvolver boas relações enquanto que, do contrário, maiores as chances de ser rejeitado ou de se sentir assim. Qual a sua opinião a respeito?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

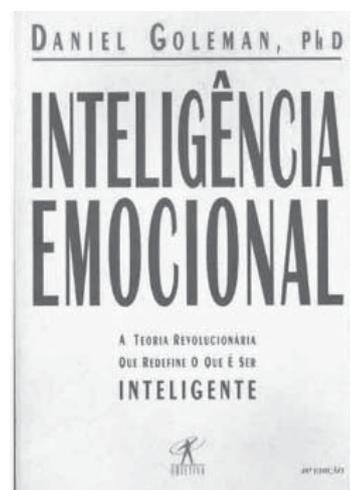
A resposta para esta questão é pessoal, você pode discordar completamente do que foi trazido, mas, antes disto, deve refletir o fato de que inúmeras pesquisas comprovam esta situação. Em minha experiência profissional como psicólogo pude perceber que o que foi proposto pelos pesquisadores corresponde à realidade. A dificuldade de se colocar no lugar do outro, de se empático gera a maior parte dos desentendimentos nas relações humanas. Infelizmente a nossa educação do lar, e também a da escola e os exemplos sociais não reforçam da maneira correta o bom entendimento dos sentimentos alheios, e nem os nossos. Ao contrário, reforçam a concorrência, a competição e a superação do outro.

O que estas pesquisas nos revelam caro aluno? Elas nos mostram a importância do entendimento das emoções por parte de nós mesmos, esta é a primeira conclusão. A segunda é que devemos aprender a perceber as emoções das outras pessoas. Parece fácil, mas não é tão simples.

Para uma criança entender de suas emoções e posteriormente a dos outros, ela dependerá de um conjunto de fatores já estudados: matriz de identidade (relações familiares, sociais, econômicas, contexto histórico e clima psicológico), personalidade, apego, desenvolvimento cognitivo, e desenvolvimento das funções psíquicas. Lembra destes assuntos? Novamente temos na figura dos pais primeiramente, associados às condições individuais da criança, a grande responsabilidade de suprir as necessidades afetivas destas para que possam no futuro, apresentar as melhores condições possíveis de convívio social. Falamos primeiramente nos pais porque estes, na maioria das vezes, constituem os primeiros contatos afetivos da criança.

Daniel Goleman é um grande pesquisador que nas últimas décadas se dedicou a estudar as emoções e a sua influência no desenvolvimento e no desempenho das pessoas. Ele nos diz que com o desenvolvimento da **inteligência emocional** conseguimos destacar em nós habilidades importantes como a capacidade de se motivar e insistir em algo mesmo diante de frustrações e dificuldades; como manter um maior dade e a aflição para que estas não atrapalhem o fluxo do pensamento, e ainda, criar empatia e saber esperar (GOLEMAN, 1995).

Uma das melhores maneiras de se estudar a formação da capacidade de entender e captar as emoções dos outros é estudando um dos principais conceitos nesta área, a empatia. Este conceito envolve dois aspectos: “aprender o estado ou a condição emocional de uma pessoa e compartilhar este estado emocional com



outras. A pessoa empática experimenta o mesmo sentimento que imagina que a outra sente ou um sentimento muito parecido” (BEE, 2003, p. 386).

Em Introdução à Psicologia da Aprendizagem temos a oportunidade de estudar de forma mais aprofundada a empatia que é tão importante nas relações e na escola. Vemos este assunto quando estudamos a teoria de Jacob Levi Moreno, que descreve a empatia em um dos seus principais conceitos, o de TELE. Como vimos, a empatia é a condição que temos de captar e sentir o que o outro sente, Moreno (1997) nos diz que o tele é a empatia em duplo sentido, ou seja, enquanto eu sinto o que o outro sente, o outro sente o que eu sinto. Esta situação proporciona melhor entendimento e uma diminuição nos problemas relacionais. Para Moreno a relação télica proporciona o encontro existencial que é um momento de maior grau de compreensão entre duas pessoas. Moreno escreveu um poema em que ele descreve uma relação télica (em negrito), leia o trecho que enfatiza esta idéia, retirado da obra de Marineau (1992, p. 59):

Um encontro de dois: olhos nos olhos, face a face e quando você estiver perto arrancarei seus olhos e os colocarei no lugar dos meus; arrancarei meus olhos e os colocarei no lugar dos seus; então verei você com seus olhos e você me verá com meus olhos.

Caso queira ler o poema completo caro aluno, é só acessar o seguinte endereço eletrônico: <http://www.institutodepsicodrama.com.br/?page=artigos&id=5> e aproveitar. Esta página é de um grupo que se dedica ao estudo do Psicodrama.

A simpatia é um pouco diferente, aqui você também precisa aprender sobre o estado emocional da outra pessoa, mas neste caso não há a vivência da emoção do outro e sim um sentimento de entendimento e preocupação. Comparada com empatia a simpatia é mais superficial, é mais da relação do dia-a-dia.

Bee (2003) nos mostra ainda que um pesquisador chamado Martin Hoffman descreveu a partir dos seus estudos, o trajeto do desenvolvimento da empatia e da simpatia. Este trajeto você pode observar na tabela identificada como tabela 12.1 – Estágios do Desenvolvimento da Empatia Propostos por Hoffman, descrita por Bee (2003, p. 388).

ESTÁGIOS DO DESENVOLVIMENTO DA EMPATIA PROPOSTOS POR HOFFMAN

Estágio 1: Empatia global. Observada durante o primeiro ano de vida. Se o bebê está perto de alguém que está expressando uma forte emoção, ele pode compartilhar esta emoção – por exemplo, começar

a chorar se ouvir outro bebê chorar.

Estágio 2: Empatia egocêntrica. Começando entre os 12 e 18 meses, quando a criança já tem um senso bastante claro de ser alguém separado, ela responde ao pesar de outrem com certo pesar próprio, mas pode tentar “resolver” o problema oferecendo aquilo que considera mais confortador. Ela pode, por exemplo, demonstrar tristeza quando vê uma criança se machucar e procurar a própria mãe para ajudar.

Estágio 3: Empatia pelos sentimentos dos outros. Começando por volta dos dois ou três anos, e continuando durante o ensino fundamental, as crianças percebem os sentimentos dos outros, compartilham parte desses sentimentos e respondem ao pesar do outro de maneira não-egocêntrica. No decorrer desses anos, as crianças aprendem a distinguir cada vez melhor uma gama mais ampla (e mais sutil) de emoções.

Estágio 4: Empatia pela condição. No final da infância ou na adolescência, algumas crianças desenvolvem uma noção mais generalizada dos sentimentos dos outros e respondem não apenas à situação imediata, mas à situação geral do outro indivíduo. Assim, a criança nesse nível pode ficar mais pesarosa pela tristeza de alguém se sabe que essa tristeza é crônica ou que a situação geral da pessoa é particularmente trágica do que se vê como um problema mais passageiro.

Goleman (1995) cita um psicólogo chamado Salovey para nos mostrar e explicar cinco aptidões da nossa inteligência emocional. São elas:

1. Conhecer as próprias emoções - Ele chama de autoconsciência a capacidade de reconhecer um sentimento quando este ocorre, caracterizando base da inteligência emocional. Quando não somos capazes de observar nossos próprios sentimentos ficamos à mercê deles. Já as pessoas que conhecem melhor os próprios sentimentos conseguem dirigir a vida de uma forma mais tranqüila, com maiores condições para tomar decisões pessoais que interferem no presente e no futuro (emprego, casamento, viagens...). São pessoas seguras, que sabem que na vida as situações são em grande parte transitórias, mas, estão emocionalmente melhor preparadas para encarar os fatos. São as pessoas com maior desenvolvimento da espontaneidade.

2. Lidar com as emoções - Aprender a lidar com os próprios sentimentos para que estes fiquem sob controle (na medida do possível), para que se apresentem de forma apropriada. Não estamos falando de se tornar um robô que aciona as emoções quando quiser, isto é impossível. Mas, quando conhecemos nossas emoções e as nossas reações podemos lidar melhor com elas. As pessoas com dificuldades nesta área apresentam maiores problemas, entrando constantemente em conflito e tentando combater sentimentos de desespero. Já as pessoas que se destacam nesta habilidade conseguem superar com mais facilidade os reveses e as dificuldades da vida.

3. Motivar-se - Para garantirmos o bom funcionamento da nossa atenção, da criatividade, da automotivação e a maestria em nossas ações é preciso estar atento. A impaciência é um grande obstáculo. Devemos buscar o autocontrole emocional, aprendendo a adiar as satisfações e controlando a impulsividade teremos maiores condições de realização e de garantir esta satisfação. Segundo o autor, as pessoas que apresentam esta característica conseguem apresentar maior produtividade e eficácia na realização de suas atividades.

4. Reconhecer emoções dos outros – Aqui, voltamos à empatia. Para o autor esta é outra capacidade que também se desenvolve na autoconsciência emocional e caracteriza-se como fundamental entre as aptidões pessoais. “As pessoas empáticas estão mais sintonizadas com os sutis sinais sociais que indicam de que os outros precisam ou o que querem” (GOLEMAN, 1995, p.56).

5. Lidar com relacionamentos – O segredo de lidar com relacionamentos é saber e estar preparado para lidar com as emoções de outras pessoas. As pessoas que se destacam nestas características desenvolvem melhores condições que as leva a liderança, popularidade, bons relacionamentos, etc.

CULTIVANDO AMIZADES



Crianças.
(Fonte: <http://lh3.ggpht.com>).

A amizade é um fenômeno social apreciado pela maior parte das pessoas, alguns cultivam muitas amizades, outros menos e ainda há aqueles que preferem seguir sozinhos ou no máximo com colegas (de trabalho, de bairro, de escola). E você caro aluno, é de muitas ou de poucas amizades?

Bem, Bee (2003) nos mostra como as amizades evoluem de acordo com a época em que vivemos. Se você tiver boa memória poderá lembrar se aconteceu assim com você. Segundo a autora, ainda no pré-escolar as amizades são compreendidas a partir das atividades em comum. As crianças são “amiguinhos” por compartilharem a mesma sala de aula, por brincarem juntas ou por estarem próximas durante o tempo da aula.

Já no ensino fundamental o conceito de proximidade (dividir sala) como garantia de amizade diminui e surge então o conceito de confiança e a análise de características desejáveis no outro como critério para a construção de amizades. Neste ponto a amizade ganha características de companheirismo. As pessoas desenvolvem um vínculo especial e recíproco em que são generosas umas com as outras, que se ajudam e que confiam umas nas outras. Nesta idade as crianças entendem que a amizade envolve uma dimensão temporal. Não é qualquer pessoas que é amiga, e sim, aquela que você já

conhece e com que viveu diversos momentos. Crianças conhecidas a pouco tempo mas que fazem parte das brincadeiras são consideradas colegas de escola ou de bairro antes que sejam promovidas a amigas.

Na adolescência, desde o seu início e até o final desta, a amizade ganha novas características. Ainda por volta dos 11 e 12 anos a intimidade ganha espaço e passa a compor um dos principais ingredientes da amizade, por volta dos 14 e 15 anos, querem que os amigos sejam apoiadores, confidentes confiáveis ao extremo, um verdadeiro clã.

Ao final da adolescência o jovem percebe que a amizade não é um fenômeno estático e sim dinâmico, ou seja, as condições da amizade se modificam a medida que nós nos transformamos, por conta disto que muitas amizades queridas de uma época se perdem tão facilmente em outra. Você pode ter tido um grande amigo na adolescência que nos dias de hoje não tem muito assunto para tratar com ele, sem que houvesse alguma briga, somente pelo fato de não possuírem mais os mesmos interesses. Será que você já passou por isso?

Percebem também que as pessoas mais próximas não conseguem satisfazer todas as nossas necessidades o que aponta para a necessidade da ampliação dos círculos de amizade. Com estas duas mudanças o adolescente aprende que as amizades mais sólidas se adaptam às mudanças e continuam existindo. Este é o princípio da amizade madura, que se espera na vida adulta, uma amizade em que não se prende e não se sufoca, mas com quem podemos contar nas nossas felicidades e dificuldades de forma recíproca.



Qual a sua opinião sobre o desenvolvimento das amizades? Você concorda que uma amizade madura é aquela que não prende? As pessoas conseguem chegar neste nível de relação?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Pudemos observar que a construção da amizade evolui do simples estar junto em sala de aula para verdadeiros vínculos de companheirismo. Na infância, amigo é aquele que estuda comigo, que faz atividades e que brinca no recreio. No início da adolescência surge a confiança, a intimidade e uma afetividade mais diferenciada. No meio para o final da adolescência surge a necessidade de auto-afirmação e de apoio incondicional do grupo em que faz parte. Do final da adolescência para o início da vida adulta a pessoa compreende que todos precisam de liberdade e de variedade, as exclusividades acabam, mas, os vínculos se fortalecem.

Se tudo fosse assim seria ótimo caro aluno, mas na realidade podemos encontrar pessoas de qualquer idade em qualquer uma destas situações. Alguns adultos morrem de ciúmes das amizades e não aceitam bem quando pessoas novas chegam ao grupo, como também, podemos encontrar jovens que lidam muito bem com novas aproximações sem que isto elimine vínculos anteriores.

O SURGIMENTO DAS REGRAS MORAIS

Todos nós sabemos que as regras têm função importante nas nossas vidas. Elas existem para direcionar as ações nos grupos humanos com o objetivo de ordenar e organizar a convivência de todos. Para falarmos de regras morais precisamos antes falar de regras convencionais. Você sabe a diferença? Vamos entender de acordo com Bee (2003).

REGRAS CONVENCIONAIS – são as regras construídas socialmente que variam de uma cultura para outra, ou que existem dentro de alguns grupos. Na nossa sociedade ela é representada pelas leis do país. Cada grupo que existe no país pode construir suas regras, mas estas devem estar de acordo com a constituição vigente. Um bom exemplo são as normas escolares que ditam a postura dentro da escola, como as regras para composição do uniforme e os comportamentos aceitos e esperados no estabelecimento, tais como não correr nos corredores e só sair da sala de aula com autorização do professor. Desde pequena a criança aprende o funcionamento destas regras. Lá pelos oito anos de idade elas percebem que tais regras, por serem arbitrárias, podem mudar ou variar de acordo com o ambiente e localidade (não é possível andar de sunga no supermercado, mas, pode na praia; andar em fila indiana quando em grupo escolar durante visitas a ambientes fora da escola, mas não quando estiver com os pais).

REGRAS MORAIS – são aquelas que apresentam um caráter universal e obrigatório para se garantir o direito do outro. Também são ensinadas

pelos meios sociais, mas possuem um caráter muito mais subjetivo que as convencionais. Não gritar nos corredores da escola seria uma regra convencional, não dar tapas no rosto do colega seria uma regra moral. Na maioria das sociedades a transgressão das regras morais é observada com mais severidade que a transgressão das regras convencionais.

Ao falar de desenvolvimento da moral devemos lembrar de Lawrence Kohlberg, estudioso que revisou os estudos de Piaget sobre o desenvolvimento moral e construiu por meio de experimentos estágios que nos mostram como este desenvolvimento acontece pelo mundo (BEE, 2003). O seu trabalho se deu da seguinte forma, ele apresentava algumas situações em que existiam conflitos morais e lançava questões para que fossem respondidas pelas crianças. Com isto pode criar uma escala de respostas que deram origem aos estágios. Vamos conhecer uma destas situações? Ela se chama “O Dilema de Heinz” e pode ser encontrado em Bee (2003, p. 392).

O DILEMA DE HEINZ

Na Europa, uma mulher estava quase morrendo de um tipo especial de câncer. Havia um medicamento que, segundo os médicos, poderia salvá-la. Era uma forma de rádio que um farmacêutico da mesma cidade tinha descoberto recentemente. Era um medicamento caro, mas o farmacêutico estava cobrando dez vezes mais do que a droga lhe custava para preparar. Ele pagava 200 dólares pelo rádio e cobrava 2000 mil dólares por uma pequena quantidade da droga. O marido da mulher doente, Heinz procurou todos os seus conhecidos para tomar dinheiro emprestado, mas só conseguiu juntar mil dólares, metade do valor do medicamento. Ela disse ao farmacêutico que sua mulher estava morrendo e lhe pediu que baixasse o preço ou que o deixasse pagar depois. Mas o farmacêutico disse: “Não, eu descobri a droga e vou ganhar dinheiro com ela”. Então, Heinz ficou desesperado e invadiu a loja do homem para roubar a droga para a sua mulher. (Kohlberg e Elfenbein, 1975, p. 621).

QUESTÕES PARA SEREM RESPONDIDAS PELAS CRIANÇAS APÓS A LEITURA:

Heinz deveria ter roubado a droga? E se Heinz não amasse a mulher? Isso mudaria algo? E se a pessoa que estivesse morrendo fosse um desconhecido? Heinz deveria roubar a droga de qualquer maneira?

Complicadas as questões não acha caro aluno? Com estas questões e outras derivadas de diversas situações apresentadas, Kohlberg desenvolveu os seguintes estágios que podem ser encontrados em Bee (2003, p. 393).

ESTÁGIOS DE KOHLBERG DO DESENVOLVIMENTO MORAL

Nível 1: Moralidade pré-convencional

Estágio 1: Orientação para a punição e para a obediência. A criança decide o que é errado baseada naquilo por que é punida. A obediência é valorizada em si mesma, mas a criança obedece aos adultos porque eles tem um poder superior.

Estágio 2: Individualismo, propósito instrumental e troca. A criança segue regras quando isso é de seu interesse imediato. O bom é aquilo que traz resultados agradáveis.

Nível II: Moralidade convencional

Estágio 3: Expectativas e relacionamentos interpessoais mútuos e conformidade interpessoal. As ações morais são aquelas que estão de acordo com as expectativas da família ou de um outro grupo significativo. “Ser bom” torna-se importante em si mesmo.

Estágio 4: Sistema e consciência sociais. As ações morais são aquelas assim definidas por grupos sociais mais amplos ou pela sociedade como um todo. Devemos cumprir os deveres a que nos propusemos e seguir as leis, exceto em casos extremos.

Nível III: Moralidade de Princípios ou Pós-Convencional

Estágio 5: Contrato ou utilidade social e direitos individuais. Agir de modo a obter o “bem maior para o maior número”. O adolescente ou o adulto tem consciência de que a maioria dos valores é relativa e de que as leis são modificáveis, embora as regras devam ser seguidas para preservar a ordem social. Contudo, ainda existem alguns valores básicos não-relativos, como a importância da vida e da liberdade de cada pessoa.

Estágio 6: Princípios éticos universais. O adulto desenvolve e segue princípios éticos escolhidos por ele mesmo para determinar o que pé certo. Esses princípios éticos são parte de um sistema de valores e de princípios articulado, integrado, cuidadosamente examinado e consistentemente seguido.

Vamos fazer um breve comentário, baseados nos relatos de Bee (2003), sobre esta tabela para que fique bem entendida. No nível 1, para construir julgamentos de certo e errado a criança se baseia em parâmetros

de autoridade que lhe são próximas e que são fisicamente superiores. Em geral estes são representados pelos pais. Podemos perceber logo que os padrões utilizados para tais julgamentos são completamente externos ao invés de internos.

Ainda neste nível encontramos no estágio 1 a consciência de certo e errado sendo construída a partir das conseqüências punitiva as dos seus atos. Se for castigada é porque o seu ato é errado, se não é porque acertou. “Ela obedece aos adultos porque eles são maiores e mais fortes” (BEE, 2003, p. 393). Já no estágio 2 a criança passa a evitar ações que levam à punição e a executar com mais ênfase aquelas que geram gratificação. Aqui a criança começa a demonstrar que se preocupa com outras pessoas, mas, só expõe se o resultado também lhe trazer algum benefício: “Se você me ajudar, eu o ajudarei” (BEE, 2003, p. 393).

No Nível 2 existe a transição do julgamento baseado no ganho pessoal ou nas conseqüências externas para julgamentos baseados nas regras e nas normas de grupos já existentes do qual a criança faz parte (família, religião, nação). Passam a valer agora as regras do grupo escolhido que passa a ser internalizada, se antes elas vinham de fora agora estão dentro de você. No estágio 3 a criança acredita que o bom comportamento está relacionado com a impressão causada, sendo assim, quanto mais se agrada as pessoas, melhor se é (principalmente com pessoas mais próximas).

Passam a reconhecer também as intenções das ações e as utilizam nos julgamentos, desta forma uma ação negativa que tinha uma intenção positiva é julgada de forma mais branda que uma ação negativa feita de propósito. O estágio 4 constitui a busca por normas em grupos mais amplos, agradar o outro deixa de ser a principal meta já que o interesse agora é fazer parte de um conjunto maior de regulamentos.

No Nível 3 ocorre uma mudança com relação a autoridade. No primeiro nível a autoridade vem de fora, no segundo nível ela é internalizada (mas não são analisadas), no terceiro surge a autoridade pessoal “no qual são feitas escolhas individuais, com os julgamentos pessoais baseados em princípios escolhidos pela própria pessoa”. (BEE, 2003, p. 394). No estágio 5 podemos observar o início da construção da auto-escolha, mesmo aceitando as regras o entendimento destas modifica na medida que entendem que podem ser modificadas e ignoradas em alguns contextos.

No estágio 6 ocorre o estabelecimento deste princípio. A pessoa busca um modo de vida associado aos princípios morais que aprendeu e assumem responsabilidades de suas ações baseadas nestes princípios, tais como o senso de justiça e respeito ao próximo. Devemos observar caro aluno, que este desenvolvimento não ocorre de forma tão estruturada como foi colocado aqui, devemos lembrar que isto é o possível, mas não significa que é alcançado. Apesar de ter seus aspectos comprovados em pesquisas posteriores, esta teoria precisou ser complementada por conta de críticas

quanto ao seu conteúdo. Leia agora uma destas críticas que nos foi trazida por Bee (2003, p. 397):

Os críticos mais contundentes foram os que disseram que Kohlberg, na verdade, não está falando sobre todos os aspectos do “raciocínio moral”. Em vez disto, como o próprio Kohlberg reconheceu em seus textos posteriores (Kohlberg ET AL., 1983), ele fala como se desenvolve o raciocínio acerca da justiça e honestidade. E o que podemos dizer sobre o raciocínio moral a respeito de fazer o bem ou o raciocínio baseado em alguma ética diferente da justiça, com uma ética baseada na preocupação com os outros e com os relacionamentos? (BEE, 2003, p. 397).

Bee (2003) cita Nancy Eisenberg que questiona estes aspectos da teoria de Kohlberg não concordando que o desenvolvimento moral é construído unicamente com o senso de justiça. Em sua crítica ela apontava que as propostas de Kohlberg sempre envolviam idéias de roubo, punição e conflito com a lei, e que não explorava o raciocínio moral da criança que justifica o seu comportamento pró-social. Os trabalhos de Eisenberg sobre desenvolvimento moral ampliaram as concepções dos trabalhos de Kohlberg mostrando que além do senso de justiça existe um raciocínio pró-social “no qual a criança expressa preocupação bastante direta pelas necessidades de outras pessoas, mesmo que isto entre em conflito com seus próprios desejos”. (BEE, 2003, pg. 398). Leia no exemplo abaixo uma das propostas de Eisenberg e perceba a diferença em relação a de Kohlberg.

EXEMPLO DAS PROPOSTAS DE EISENBERG

Nancy Eisenberg e seus colegas (Eisenberg, 1986; Eisenberg et al 1987; 1995a) exploraram estas questões propondo às crianças dilemas em que o interesse pessoal é contraposto à possibilidade de ajudar alguma pessoa. Uma história para crianças mais jovens, por exemplo, envolve um menino que vai à festa de aniversário de um amigo. No caminho, ele encontra outra criança que caiu e se machucou. Se o menino parar para ajudar provavelmente perderá o bolo e o sorvete. O que ele deve fazer?

Aqui o foco não é a justiça e sim a preocupação com o outro. Até a próxima aula!

A CRIANÇA E A FAMÍLIA

Como já é de seu conhecimento, caro aluno, muitos são os fatores que interferem em nosso desenvolvimento. Um destes fatores é a família seus contextos e suas ações. Pense um pouco, como a sua família interferiu na sua vida? Se você tivesse nascido na família do vizinho o que você acha que seria diferente em você? Será que você iria gostar de ter nascido em outra família ou prefere a sua? O que sabemos é que cada família tem as suas particularidades, mesmo que funcionem a partir de um mesmo núcleo cultural.

Existem várias teorias que estudam a interferência dos grupos familiares em seus membros e de seus membros no grupo familiar, sim, porque cada membro individualmente interfere no grupo ao mesmo tempo em que o grupo interfere nos indivíduos. Veremos aqui, para início de estudo, três teorias que demonstram como a família funciona para que possamos entender como se dá a interação desta com a criança.

A TEORIA DE SISTEMAS

Vamos iniciar este tópico com uma reflexão. Ao comer uma fatia de bolo você sabe exatamente o que está comendo? Sabe quais são os elementos que entram na composição? Podemos dizer que ao comer um pedaço deste bolo estamos ingerindo um pouco de leite, de ovos, de açúcar, de fermento, de farinha de trigo, concorda? Sendo assim, você concorda que se pegarmos cada elemento destes separadamente, e, levarmos ao forno e depois comermos um a um, estaremos comendo um bolo?

É óbvio que comer os elementos não é o mesmo que comer o bolo. Isto é o que nos mostra a teoria do TODO e das PARTES. Esta teoria nos mostra que o todo é diferente de suas partes, entende? Ela quer dizer que os elementos quando se juntam para formar algo novo, constituem um novo elemento com novas características, com novas propriedades que antes não se via quando existia a separação (BEE, 2003). Esta noção de todo e de partes foi desenvolvida pela psicologia da Gestalt (a pronuncia correta é guesalste) e aproveitada pela Teoria de Sistemas.

GESTALT

Considera-se que Von Ehrenfels, filósofo vienense de fins do séc. XIX foi o precursor da psicologia da *Gestalt*. O movimento gestáltico surgiu no período compreendido entre 1930 e 1940, e tem como expoentes máximos: Max Wertheimer (1880-1943), Wolfgang Köhler (1887-1967), Kurt Koffka (1886- 1941) e Kurt Goldstein (1878-1965). A Psicologia da *Gestalt* afirma que as partes nunca podem proporcionar uma real

compreensão do todo. O todo é diferente da soma das partes. A palavra *Gestalt* tem origem alemã e surgiu em 1523 de uma tradução da Bíblia, significando “o que é colocado diante dos olhos, exposto aos olhares”. Hoje adotada no mundo inteiro significa um processo de dar forma ou configuração. *Gestalt* significa uma integração de partes em oposição à soma do “todo”.

A Teoria de sistemas parte deste princípio do todo e das partes e afirma que qualquer sistema tem suas propriedades, seja ele um sistema biológico, psicológico, econômico, cultural, etc. “Antes de tudo, um sistema tem “totalidade e ordem”, que é outra maneira de dizer que o todo é maior que a soma das suas partes.” (BEE, 2003, p. 409).

Segundo a citada autora, eles explicam que o todo é composto pelas partes e suas relações (aí está o diferencial). O que provoca a diferença é a relação e esta é a primeira característica dos sistemas. Você já sentiu isto na pele com certeza. Quantas vezes você reclamou com um amigo ou com uma amiga porque este ficou diferente a partir do momento em que começou um novo namoro? É que ele sozinho é diferente dele relacionado a alguém. E até você já deve ter ouvido de seus amigos coisas do tipo: “- agora que está namorando não liga mais para os amigos!”

Uma segunda característica é que ele apresenta a capacidade de se adaptar. Bee (2003) nos diz que esta capacidade se assemelha ao que Piaget descreve como assimilação e acomodação. Ele resiste à mudança o máximo que pode e assimila novos elementos sempre que necessário, quando não é possível, é preciso realizar uma acomodação, ou seja, uma mudança. A autora nos dá um exemplo que é o nascimento de um novo membro na família. Por mais que os pais tentem manter a vida como antes isto se mostra impossível, pois, o novo sistema formado por pai, mãe e filho, assinala que mudanças terão que ocorrer na rotina.

Com o nascimento de um segundo filho o sistema sofre nova mudança principalmente se o novo membro for muito diferente do primeiro. Combinando esta característica com a primeira podemos entender que qualquer mudança na atitude de um dos membros afetará os demais. Guarde esta informação em **negrito**, pois será importante mais a frente.

A ABORDAGEM ECOLÓGICA DE BRONFENBRENNE

De acordo com Bee (2003), Bronfenbrenner nos trás três conceitos que ajuda a compreender o contexto em que uma pessoa vive e como este interfere em seu desenvolvimento, são eles:

MICROSSISTEMAS – envolve todos os ambientes em que a criança

pode vivenciar experiências pessoais de forma direta. Aqui encontramos grupos como a família, escola, abrigos (caso a criança viva nesta situação), ou seja, qualquer ambiente que faça parte de forma constante da vida da pessoa.

EXOSSISTEMA – aqui encontram-se elementos que afetam o sistema em que a criança vive sem que esta tenha contato direto com tais elementos. Temos como exemplo o trabalho do pai ou da mãe, suas redes de amigos, etc. São elementos que não se relacionam com a criança diretamente, mas afetam aos pais que são membros do mesmo sistema.

MACROSSISTEMA – é um corpo mais amplo que engloba tanto o microsistema quanto o exossistema e comporta o ambiente cultural e sub-cultural mais amplo. Podemos citar aqui questões como a pobreza ou a riqueza da família, do país em que vive, as condições do bairro em que mora, as questões étnicas da família formando elementos desta macrossistema.

O que Bronfenbrenner nos mostra é que cada um destes sistemas interferem e interagem ao mesmo tempo nas nossas vidas (Bee, 2003). Tais influências associadas aos componentes genéticos vão escrevendo a história do desenvolvimento de cada um.

Vocês certamente percebem que tentar entender o desenvolvimento desta maneira é imensamente difícil. É difícil ter presente todos os elementos do sistema ao mesmo tempo, sem falar em tentar examinar, de forma simultânea, todas as partes relevantes. Talvez frustrados pela dificuldade, ou talvez devido à longa tradição de examinar de maneira mais linear os efeitos da família e da cultura, os psicólogos continuaram planejando pesquisas que exploram apenas pequenas partes do sistema total. Assim, muito do que sabemos sobre as influências familiares e culturais sobre as crianças é fragmento, em vez de sistêmico. (BEE, 2003).

TEORIA SOCIONÔMICA

A teoria socionômica ou Socionomia se dedica ao estudo das relações sociais seja ela em pequenos grupos ou grandes grupos (MORENO 1997). Este teoria foi bastante trabalhada no curso de introdução à Psicologia da Aprendizagem nos capítulos que falam sobre teoria dos papéis, espontaneidade e criatividade além do capítulo sobre Psicodrama Pedagógico. Por seu grande entendimento sobre as relações ele será citado aqui.

A Socionomia foi criada por Jacob Levy Moreno, um profundo estudioso das relações humanas. Ele propôs em sua teoria a observação, o entendimento, e o tratamento dos indivíduos e dos grupos. Dentro da Socionomia encontramos uma série de conceitos que confirmam as teorias estudadas anteriormente. Vejamos os conceitos de Matriz de Identidade, Papel e Rede Sociométrica de acordo com Moreno (1997):

MATRIZ DE IDENTIDADE – constitui o espaço concreto e psicológico em que a criança nasce, é representado pela família e pelo contexto em que esta família existe. Como assim? Significa que além do clima psicológico da família (como estão as relações, as expectativas de cada um e em relação aos filhos, se há ou não amor, carinho e apego, ou se prevalece a raiva, as brigas, etc.) considera-se o contexto físico em que a família vive (numa casa, num bairro bom, num bairro ruim, num contexto político e econômico desfavorável ou positivo, no contexto sócio-cultural que muda com o passar do tempo produzindo novos costumes que muitas vezes contradizem os costumes dos pais, etc.) pois, tudo isto vai interferir no desenvolvimento das pessoas.

PAPEL – o papel é a menor unidade de comportamento que podemos observar, em outras palavras, os nossos comportamentos são resultados dos papéis que desempenhamos. Sendo assim, caro aluno, quando estou dirigindo estou no papel de motorista, quando estou com meu filho estou no papel de pai, quando estou com meus pais estou no papel de filho e assim por diante. É na Matriz de identidade que iniciamos a aprendizagem dos papéis, é lá que aprendemos a nos relacionar com os outros (por isto a importância da família na capacidade de se relacionar da criança).

Devemos entender que o desenvolvimento dos papéis não acaba aqui, ele continua com as redes sociométricas.

REDE SOCIOMÉTRICA – a rede sociométrica é composta por todas as relações a qual uma pessoa está ligada, seja direta ou indiretamente. Um exemplo para entendermos melhor é a relação do professor com o aluno. O aluno está diretamente ligado ao professor e indiretamente ligado a todas as pessoas que estão ligadas ao professor. Não para por aqui, este aluno também está ligado indiretamente a todas as pessoas que estão ligadas às pessoas que estão ligadas ao professor e assim por diante. Imagine isto para cada contato que você tem.

O conjunto de tudo isto forma a rede sociométrica que hoje pode ser vista concretamente na página de relacionamentos conhecida como ORKUT. Lá você tem 160 amigos, mas está ligado a mais de um milhão de pessoas como foi descrito no exemplo acima. Uma das principais características da rede é que você pode receber influência de qualquer pessoa a que esteja ligada, mesmo que não conheça ou nunca tenha ouvido falar. Um exemplo é: a vizinha do seu professor passa mal e ele presta socorro, Por este motivo não comparece à aula e você ganha um horário vago. É desta forma que a cultura e os costumes são disseminados para todos os lados.





Nesta primeira atividade você deverá mostrar os pontos em comum entre as três teorias apresentadas e demonstrar de que forma elas contribuem para o nosso entendimento sobre o desenvolvimento humano.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

As três teorias apresentadas buscam o entendimento das diversas variáveis que existem e interferem direta ou indiretamente no desenvolvimento de uma pessoa. A primeira observação que devemos fazer é que, diante do que foi apresentado, podemos perceber que não há desenvolvimento isolado, dependemos das circunstâncias tanto quanto da genética.

Percebemos ainda, caro aluno, que as três teorias nos trazem análises semelhantes de um espaço micro (família) que está ligado a um espaço macro (sociedade) que a influencia. Queremos dizer que a educação que recebemos vai depender muito da vivência dos que nos educam, mesmo que ao final seja uma educação semelhante a do grupo social do qual se faz parte, ainda assim, haverá diferenças de opinião. Por este motivo todas as pessoas são diferentes, mesmo os irmãos dos mesmos pais, que “recebem a mesma educação” apresentarão entendimento diferente já que o contexto (idade, capacidade cognitiva, cultura e costumes) varia.

As três teorias nos mostram a importância da constituição familiar na influência do desenvolvimento de uma pessoa. Famílias mais unidas e carinhosas transmitirão esta informação social, já as mais negligentes transmitirão insegurança que provavelmente se converterá em prejuízo futuro principalmente na capacidade de construção de bons relacionamentos.

Conhecer tais informações é de grande importância para o professor já que este lida com pessoas diferentes e muitas vezes não compreende os motivos que levam um dos alunos a manter o isolamento ou a atrapalhar o bom andamento da turma. Com estes conhecimentos nos tornamos profissionais mais completos, com um bom entendimento das dinâmicas humanas e com condições melhores para colaborar com o crescimento daqueles que estão em posições de aprendizes.

DIMENSÕES DAS RELAÇÕES FAMILIARES

Bee (2003) nos mostra algumas dimensões das relações familiares que são de grande importância para o nosso estudo. Pode ser que você comece a analisar a sua história ou a de pessoas próximas a partir do que será apresentado aqui, são eles: o tom emocional da família, a responsividade em relação à criança, o exercício de controle e a qualidade e quantidade de comunicação.

TOM EMOCIONAL FAMILIAR – você já deve imaginar de que se trata este tópico. É sobre o clima psicológico da família que já foi explicado aqui. Bee (2003) nos mostra que diversas pesquisas realizadas apontam de que forma o carinho e a hostilidade interferem na criação. Tais estudos nos mostram que crianças que nascem em ambiente cercado de carinho num contexto amoroso constroem um apego mais seguro nos primeiros dois anos. Além disto, apresentam mais comportamento empático, altruísta, e auto-estima mais alta associada a um bom desempenho escolar. Observou-se também que estas crianças apresentam menores chances de apresentar altos níveis de agressão.

Altos níveis de afeição podem proteger a criança dos efeitos negativos de ambientes de outra forma nocivos. Vários estudos de crianças e adolescentes de bairros pobres e violentos mostram que o ingrediente único que distingue com clareza a vida dos que não se tornaram delinqüentes daqueles que se tornaram é um alto índice de amor materno” (BEE, 2003, p. 412).

Para complementar estas informações a autora nos apresenta informações baseadas em pesquisas recentes que mostram que existe uma ligação direta entre a hostilidade dos pais com o mau desempenho escolar e o surgimento de comportamentos inadequados no início da adolescência.

RESPONSIVIDADE – a responsividade dos pais em relação aos seus filhos se apresenta pela capacidade de perceber de forma adequada os sinais que são emitidos pela criança e pela capacidade de reagir com sensibilidade às necessidades que aparecem. Bee (2003, p. 412) nos mostra alguns efeitos da responsividade bem desenvolvida:

Os pais que agem desta forma tem filhos que aprendem a falar um pouco mais rapidamente, apresentam escores de QI mais elevados e desenvolvimento cognitivo mais rápido, apresentam com mais frequência apegos seguros, atendem mais aos pedidos dos adultos e são socialmente mais competentes.

Até agora, caro aluno, estamos percebendo que os sentimentos positivos (amor, carinho, apego..) são de fundamentais para a vida das pessoas.

Perceba também a importância de relacionar esta aula com as aulas sobre apego, desenvolvimento das relações e formação de vínculo (aulas 12 e 13). Uma dica para você, é que esta aula será fundamental para o entendimento da próxima (aula 15).

MÉTODOS DE CONTROLE – este tópico nos fala sobre um a situação bem inconveniente. Se você tem filho talvez já tenha passado por ela. Estamos falando da situação em que a criança manifesta o comportamento de birra (chorar de forma acentuada em público, gritar, resmungar, se jogar no chão, espernear, insistir de forma contundente em algo mesmo após a negativa dos pais, etc.).

Para evitar que tais situações aconteçam é preciso que os pais saibam disciplinar as suas crianças, que elas tomem conhecimento da existência de regras e da necessidade de obedecerem aos pais. Porém, o que muitos pais não sabem, é que as crianças aprendem desde cedo e por isso a educação deve ter início quando ainda são pequenos.

Alguns pais agem sem se preocupar com os modos dos filhos na primeira infância, pois, acham que elas não têm noção do que está acontecendo, acham ainda que quando estiverem maiores será fácil dizer o que elas devem fazer. Outros pais preferem gritar ou bater (mesmo que de leve) nos filhos quando apresentam um comportamento considerado inadequado como se isto explicasse algo para a criança. Encontramos também aqueles pais que dão tudo aos filhos quando estes choram, na expectativa de que parem com o barulho. Não precisamos nem dizer que isto não é bom. Em *Introdução à Psicologia da Aprendizagem* o estudo da teoria comportamental nos mostra que dar algo que a criança deseja após um comportamento inadequado provocará o aumento da possibilidade daquele comportamento indesejado ocorrer novamente.

O objetivo não é transformar as crianças em robôs, pelo contrario, o objetivo é que a criança aprenda a seguir as instruções dos pais, e que existem contextos para a gritaria e contextos para o bom comportamento.

Um elemento de controle é a consistência das regras – deixar claro para a criança quais são as regras, quais são as conseqüências de desobedecê-las (ou obedecê-las) e depois fazê-las cumprir de maneira consistente. Alguns pais são muito claros e consistentes; outros se perdem em discussões ou são vagos em relação ao que é esperado ou tolerado. Os estudos sobre família mostram que os pais que são claros e consistentes têm filhos menos desafiadores ou desobedientes.” (BEE, 2003, p. 413).

Um dos recursos do ensino da disciplina mais utilizado (e na maioria das vezes mal utilizado) é a punição. A maneira correta de se utilizar a punição é empregando no início de um comportamento inadequado (a criança pega o lápis de cor e começa a riscar os móveis e a parede), em casos como estes

alguns pais gritam com a criança e até dão um tapa na mão do filho, em seguida tomam o lápis. O procedimento correto seria a retirada do lápis e uma explicação séria, mas delicada e carinhosa do motivo da retirada do lápis. Neste momento a criança deve se sentir segura diante dos pais e não ameaçada. Aqui percebemos que a punição se restringe a retirada do lápis. O que não adianta é deixar o filho riscar a parede num momento e brigar em outro, ser consistente num momento e relaxado em outro. Assim, a criança aprende que pode fazer o que quiser já que as regras dos pais variam de acordo com o dia ou o humor.

PADRÕES DE COMUNICAÇÃO – não podemos descuidar da comunicação já que este é um item de grande importância para o desenvolvimento de uma pessoa. Entre pais e filhos Bee (2003) destaca a importância da riqueza e da quantidade de linguagem falada para as crianças, como também, o diálogo em quantidade que é desenvolvida por parte da criança principalmente em relação aos pais. A participação dos pais acontece principalmente com a escuta atenciosa, não adianta fingir que está ouvindo é preciso mais, é preciso interagir.

Infelizmente muitos pais não conseguem se sair bem neste item, pois, chegam esgotados das atividades profissionais e dedicam pouco tempo para a relação afetiva na família. O diálogo é uma das principais fontes de construção de vínculos e conseqüentemente, de apego.



Nesta atividade você deverá relacionar as quatro dimensões das relações familiares aqui apresentadas.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Muito bem caro aluno como sabemos as quatro dimensões aqui citadas são o clima familiar, a responsividade, os métodos de controle e os padrões de comunicação dentro da família. São quatro tipos de ações que se complementam e que não podem ser deixadas de lado.

Se a família apresenta um clima familiar positivo isto indicará maiores chances dos pais serem responsivos, ou seja, compreenderem e atenderem às necessidades da criança no que diz respeito às necessidades afetivas e materiais. Atender às necessidades das crianças não significa dar tudo que querem, significa dar e retirar quando necessário. Como conseqüência estas crianças aceitarão melhor a autoridade dos pais, o que aumentará as chances de que as regras sejam respeitadas.

A consequência direta deste fato é que haverá menor necessidade de controle principalmente se existe uma boa rede de diálogos estabelecida dentro da família. É claro que estamos falando aqui de uma situação ideal em que as relações fluem bem e os pais estão preparados para criar os filhos. Esta situação foi descrita para mostrar a melhor possibilidade dentre tantas possibilidades. Na realidade os pais, em sua maioria, não estão preparados para a criação dos filhos e os diversos contextos não são favoráveis a isto (trabalho, estresse, falta de diálogo, de carinho e compreensão, dificuldade financeira, etc.).

CONCLUSÃO

A partir do que foi estudado na aula de hoje podemos concluir, caro aluno, que as emoções têm função fundamental na constituição e no desenvolvimento das relações sociais saudáveis. É preciso aprender a reconhecer e a entender, na medida do possível, as emoções que nos tomam para assim termos as condições necessárias para reconhecermos as emoções dos outros.

Concluimos também que a função da família é a de cuidar e proteger os seus membros além de prepará-los para o mundo. Diversos teóricos do desenvolvimento observaram e estudaram estas funções e todos concluíram que a forma como a família interage com seus membros, sejam crianças ou adultos, interfere na forma como estes vão aprender a se relacionar com as demais pessoas do seu ciclo social.

É importante destacar ainda que os afetos dedicados aos filhos geram um vínculo seguro que traz como consequência melhores desempenhos sociais, escolares além de fortalecer a auto-estima. O contrário (a hostilidade na família) gera pessoas inseguras que apresentam dificuldades no desempenho das relações sociais. Com o reconhecimento e o respeito pelas emoções dos outros conseguiremos estabelecer relações mais reais, sejam positivas ou negativas, mas reais.



RESUMO

Na aula de hoje tivemos a oportunidade de estudar os efeitos das emoções no desenvolvimento das relações sociais e familiares. Vimos que desde pequenos, por meio da nossa cognição social, aprendemos a reconhecer e a diferenciar entre os objetos que reagem e os que não reagem às nossas ações. Com isto aprendemos a nos relacionar e a observar os limites de cada um.

À medida que vamos crescendo vamos reconhecendo nossas emoções e as dos outros. Diversas pesquisas nesta área demonstram que quanto maior a capacidade de entender o que o outro sente melhor será a resposta dada diante desta pessoa. Melhores respostas estão associadas ao que costuma se chamar de popularidade, não no sentido comercial (ter algo para ser popular), e sim no sentido da sensibilidade, da EMPATIA.

Vimos também que a empatia é a condição de reconhecer o que o outro sente e quando esta se dá nos dois sentidos dizemos que há TELE. Crianças rejeitadas apresentaram menor desempenho no reconhecimento das emoções alheias, porém, este dado é pontual, não estamos levando em conta, neste caso, as condições de criação destas crianças. Qual o papel que a família desempenha.

A criança e a família é um tema antigo e atual. São muitos os teóricos e as teorias que se esforçam para esclarecer os aspectos desta relação tão importante para todos nós. Na aula de hoje tivemos a oportunidade de conhecer três linhas de pensamento que, partindo de pontos diferentes, confirmam suas informações ao concluírem de forma semelhante que a criança depende e muito do seu núcleo familiar.

Vimos a Teoria de Sistemas, a Abordagem Ecológica e a Socionomia que apontam para a influência do meio e do clima psicológico na construção das pessoas enquanto seres humanos. Vimos também que na busca de um bom desenvolvimento para os nossos filhos os pais devem estar atentos a algumas dimensões das relações familiares que ajudam a alcançar um bom nível de relacionamento entre pais e filhos, são eles: o tom emocional da família, a responsividade, os métodos de controle e os padrões de comunicação.



AUTO-AVALIAÇÃO

- O quanto consegui absorver da aula de hoje?
- Entendi como os sentimentos vão surgindo na vida das pessoas? Percebi que o meio em que vivemos estimula e reforça a construção dos nossos sentimentos? Que as crianças desde pequenas vão manifestando sinais de sentimentos de acordo com o que lhes é apresentado?
- Compreendi que a empatia é fundamental para a construção de boas relações? Que a medida em que nos desenvolvemos devemos conhecer o funcionamento das nossas emoções e também a dos outros?
- Entendi que a medida em que vamos crescendo vamos aprendendo várias lições culturais e morais que vão se desenvolvendo de acordo com a nossa capacidade de entendimento?
- Na aula de hoje estudei três teorias que retratam a importância e a influência, tanto positiva quanto negativa, que um grupo pode exercer sobre

alguém. Este estudo foi válido para mim? Em que sentido? De que forma poderei utilizar estas informações?

- Consegui destacar as principais diferenças entre elas? Percebo a contribuição de cada uma? Compreendi a diferença entre o todo e as partes?
- A interação entre os microsistemas, o exossistema e o macrosistema?
- A interferência da rede sociométrica?
- Compreendi a importância dos grupos?



PRÓXIMA AULA

Na próxima aula assistiremos a um filme chamado *À procura da felicidade* com a finalidade de analisarmos de que forma os aspectos sociais podem interferir na vida de um ser humano, em especial de uma criança. Estudaremos também as funções psíquicas, que são as diversas funções que a mente humana exerce, sem elas não teríamos tanta plasticidade. Entre elas destacamos a consciência, a sensação e a percepção que você já conhece, a atenção, a memória, o pensamento entre outras. Você entenderá melhor como se dá o seu funcionamento. Até lá!

REFERÊNCIAS

- BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- COLE, Michael; COLE, Sheila R. **O desenvolvimento da criança e do adolescente**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- MARINEAU, René F. **Jacob Levy Moreno 1889-1974: pai do Psicodrama, da Sociometria e da Psicoterapia de Grupo**. São Paulo: Agora, 1992.
- MORENO. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 1997.

GLÓSSARIO

Inteligência emocional: Daniel Goleman é psicólogo pesquisador da Universidade de Harvard que cunhou o termo Inteligência Emocional (um dos aspectos da inteligência) para explicar que as emoções têm papel decisivo no desenvolvimento e na aplicação da nossa inteligência.